

# Infohabitar, Ano XVI, n.º 754

## Sobre o espaço doméstico do quarto, uma introdução - Infohabitar # 754

António Baptista Coelho (texto e imagem)

### **Resumo**

*No artigo desenvolve-se uma reflexão, de certa forma, introdutória, sobre a natureza geral e as características mais habituais ou mais desejadas dos quartos domésticos, considerando-os, designadamente, como espaços tencialmente multifuncionais, e estruturados, desejavelmente, em diversas zonas funcionais e ambientais. Sequencialmente desenvolvem-se, um pouco, as matérias associadas à criação das designadas “zonas íntimas” domésticas e conclui-se com algumas considerações sobre o que pode ser e como se poderá viver (n)uma habitação sem zona íntima.*

### **Introdução**

Na conceção do espaço doméstico e, provavelmente, na base mesma da sua natureza mais radicada, também histórica e culturalmente, está, muito provavelmente, a matéria do desenvolvimento de quartos que se constituam em adequados espaços expressivamente privados, capazes de nos proporcionarem para além desse sentido de privacidade, bem controlável e matizado, todo um conjunto de aspetos, quer associados ao repouso e ao conforto, quer ao desenvolvimento de um conjunto bem específico de atividades “preferidas”, numa perspetiva naturalmente direcionada para uma verdadeira recriação de um espaço/pequeno mundo muito pessoal, apropriável e mesmo bem associado à nossa identidade – de certa forma como que uma nossa terceira “pele”, sendo a segunda a nossa “casa”.

Evidentemente que esta problemática pouco se coaduna com espaços mínimos, dimensões mínimas, “casas máquinas” e aspetos de quase monofuncionalidade naturalmente dedicados ao dormir, mas, realmente, continuamos a imaginar muitos quartos pobremente funcionalizados e ambientados, numa sequência de desenvolvimentos domésticos que caracteriza também as próprias e respetivas habitações como espaços simplistas e pobres nas poucas atividades e apropriações aí acolhidas e motivadas.

E, evidentemente, uma tal pobreza de espacialidade e de conceção geral e de pormenor dos quartos mais privados, que se reflete, depois, muito diretamente, em habitações pobremente funcionais, mal “ambientadas” e muito pouco acolhedoras das nossas vidas, mais e menos, domésticas, constitui-se, atualmente, num muito oportuno tema, devido aos motivos críticos de permanência em casa, praticamente obrigatória, ligados à pandemia que vivemos desde há meses, e tendo-se em conta as conhecidas situações de sobreocupação e/ou de dimensionamento excessivamente mínimo, pouco adaptável e sempre ligado a um mau projeto de arquitetura.

No presente artigo não se irá, evidentemente, esgotar um apontar de subtemáticas numa matéria que constitui, provavelmente, um dos temas de base recorrentes da arquitetura doméstica, porque muito ligado ao conceito de “habitar mínimo”; vai desenvolver-se, apenas, uma “entrada informal” e, de certa forma, multifacetada nesta matéria.

## **Algumas reflexões iniciais sobre os quartos domésticos mais privados**

Vamos, então, viajar, mais um pouco, pelos espaços domésticos privativos e pessoais, portanto aqueles mais amigos de um uso individual, ou ligado ao casal, e onde, também não há que excluir os outros, mas sim acolhê-los marcando, aqui, ainda mais fortemente, aspectos de identidade e de abrigo.

Neste sentido iremos abordar diversos aspetos de conceção ligados aos espaços domésticos dos “quartos”, considerados como sítios não apenas para dormir, mas também como importantes espaços de apropriação, intimidade, sossego e manifestação da individualidade de cada um de nós.

Em termos gerais o quarto pode ser o quarto de dormir clássico, praticamente estruturado pelo espaço/cama, sem grandes ambientes/actividades complementares ou paralelas, ou pode constituir um conjunto de zonas de actividade entre as quais as associadas ao espaço/cama terão algumas preponderâncias, mas proporcionando pequenas áreas de lazer, estar e trabalho; e neste sentido, nesta segunda perspetiva, talvez mais atual e desejável, o quarto mais privado “dilata-se”, em termos formais e funcionais, podendo assumir-se como verdadeira pequena habitação privada – desde que complementado com alguns outros serviços/equipamentos.

Importa, no entanto, fazer aqui uma referência, um pouco “contra-corrente”, até no sentido desta mesma reflexão, relativa à possibilidade, sempre interessante, de se poderem desenvolver quartos extremamente marcados pelas suas formas e funções mais tradicionais ou clássicas; isto porque se considera que uma perspetiva deste tipo acaba por incluir, verdadeiramente, um mioto amplo leque de microfunções, designadamente, ligadas, por exemplo, não só ao uso da cama para dormir, mas também como local de repouso e lazer, mas também de mesas de cabeceira multifuncionais (ex., com apoio à leitura noturna), mais um local para pousar malas ou outros objetos de grande dimensão, mais uma cómoda que pode ter variadas

“subutilidades” (ex., espelho), mais uma localização adequada para uma televisão com dimensão significativa (mas que não se imponha em termos de imagem), mais um (ou dois) sofá(s) ou cadeira de repouso bem localizado e apoiado por mesa baixa e candeeiro manobrável, mais mesa de trabalho e respetiva cadeira conforto, e, naturalmente, mais o espaço de ligação a roupeiro ou zona de vestir, mais o espaço de relação com eventual casa de banho privativa e mais o espaço de entrada no quarto.

E teremos, assim, um quarto “tradicional” que se constitui numa base formal e funcional adequada para inúmeras atividades.

Passando a outra matéria de abordagem frequente na conceção doméstica importa lembrar que durante anos e ainda hoje, muita da promoção habitacional “comercial”, propôs uma “zona íntima” doméstica, onde se agregavam muitas vezes com carácter quase segregado do resto da habitação, todos os quartos da habitação, um sítio quase isolado, onde afinal acabava por se desenvolver uma espécie de desprivatização ou proximidade excessiva, muitas vezes associada a um exíguo corredor ou vestíbulo interior para o qual dão todos os quartos e as principais casas de banho; no entanto, aqui se sublinha, desde já, que uma tal opção é apenas uma das que são possíveis, não devendo ser tomada/seguida de forma exclusiva, caso contrário o capital de adaptabilidade da respetiva habitação ficará fortemente prejudicado.

## **Quartos multifuncionais**

O espaço de quarto pode ser, assim, o quarto de dormir clássico, praticamente estruturado pelo espaço/cama, sem grandes ambientes/atividades complementares ou paralelas, ou pode/poderá constituir-se num conjunto de zonas de actividade entre as quais as associadas ao espaço/cama terão alguma preponderância, mas proporcionando pequenas áreas mais específicas de lazer, estar e trabalho.

Evidentemente que todas estas possibilidades têm uma base espacial determinante e, frequentemente, se dermos mais área a quartos vamos ter de a subtrair a outros espaços domésticos; mas o que aqui se quer sublinhar é que existem, ou devem existir, “outras” possibilidades de atribuição de espacialidades domésticas que não apenas aquelas marcadas por uma “prévia” atribuição de espaços regulamentares e mínimos aos quartos mais privados, para, depois, se atribuírem as áreas “restantes” aos outros compartimentos domésticos.

O espaço desejavelmente disponível no quarto é, frequentemente, determinante em desenvolvimentos funcionais e formais domésticos mais versáteis e adequados e a situação e acessibilidade dos quartos, na habitação também o é; sendo, portanto, bem importante refletir sobre a integração dos quartos na estrutura global da habitação.

Hoje em dia as atividades de lazer, associadas à televisão, serão aquelas mais frequentemente consideradas, no entanto, e bem para além disso, importará considerar o quarto mais “privado”, numa perspectiva que tenha alguma identidade com uma solução que poderemos designar (para simplificar) do tipo “quarto de hotel”, portanto, tendencialmente amplo e adequadamente estruturado em diversas pequenas zonas de actividade. E julga-se que esta será uma perspectiva que muito interessante, pois permitirá que cada pessoa ou cada casal, possa garantir o que poderemos designar de “pequeno mundo doméstico” muito especialmente privado e apropriado, dentro de um mundo doméstico mais amplo e também privatizado, embora, naturalmente, com uma faceta mais social e convival.



*Fig. 01: um pequeno quarto e zona de trabalho privativa, no qual fica evidente uma certa secundarização da zona de dormir relativamente à zona de trabalho (uma das múltiplas opções possíveis) – habitação integrada no conjunto urbano "Bo01 City of Tomorrow", desenvolvido no âmbito da exposição que teve lugar em Malmö em 2001 (ver nota final) - Arquitetura: Gert Wingardh, Monica Riton.*

## **Várias zonas nos quartos**

Nesta perspectiva, sendo possível a criação, num dado quarto doméstico, de variadas sub-zonas de lazer/estar, trabalho eventual e pontual, dormir/repousar, e vestir/arranjar-se, então o pequeno mundo doméstico privado assumirá, realmente, uma força e uma identidade estimulantes, as quais serão reforçadas pela aliança com uma casa de banho privada ou com uso privatizável, e com a associação de um espaço exterior privativo e/ou de um "lugar janela" onde seja possível fruir o exterior, em termos de conforto ambiental (temperatura, radiação solar, vistas) em agradáveis condições de privacidade.

É importante sublinhar que estes aspectos não exigem espaços amplos, são facilitados e ganham uma riqueza especial com tais tipos de espaços, mas é possível desenvolver pequenas "suites" multifuncionais, através de um pormenorizado e bem qualificado projecto de Arquitectura, portanto, bem estruturado, entre outros aspetos por dimensionamentos muito bem concebidos e estruturalmente adaptáveis a um amplo leque de ocupações e usos.

Neste sentido, importa considerar que, hoje em dia, numa sociedade marcada pela pressa e em habitações tendencialmente muito viradas para o desenvolvimento das

suas áreas mais sociais e, frequentemente, demasiado hierarquizadas ou funcionalmente unívocas, a cuidadosa disponibilização de pequenas suites bem pormenorizadas e ambiental e funcionalmente cativantes pode corresponder a uma fruição da habitação rica e multifacetada, até porque teremos sempre mais vontade de conviver se tivermos naturais e adequadas condições para gozar uma privacidade maximizada e uma forte expressão da nossa identidade, através de variados aspectos de apropriação espacial - seja em termos de variadas organizações e tipos de mobiliário, seja pelo rechear as "nossas" paredes com panos, imagens e objectos.

## **A zona íntima doméstica**

Durante anos e ainda hoje, muita da promoção habitacional "comercial", propôs uma "zona íntima" doméstica, onde se agregavam, muitas vezes com carácter quase segregado do resto da habitação, todos os quartos da habitação, um sítio quase isolado, onde afinal acabava por se desenvolver uma espécie de desprivatização ou proximidade excessiva, muitas vezes associada a um exíguo corredor ou vestíbulo interior para o qual davam todos os quartos e as principais casas de banho.

O que acontece nesta situação que parece ser de excesso de hierarquização/gradação de privacidade é que esta zona íntima poderá funcionar bem, mas apenas desde que haja espaço suficiente para aumentar a sua privacidade própria, aumentando-se as distâncias entre os seus quartos e casas de banho, mas quando não há tal espaço, quando esses corredores e vestíbulos são exíguos e sem luz natural - condição que agrava psicologicamente essa exiguidade -, então mais vale abrir essa zona diversificadamente sobre o resto da habitação, havendo o cuidado de se evitarem relações visuais directas e intrusivas das diversas privacidades; condição/situação esta que terá de ser cumprida em promoções com áreas controladas e que é atenuada com a utilização de dois pisos habitacionais e de um vestíbulo íntimo razoavelmente espaçoso e, sempre que possível, recebendo luz natural.

Um aspecto associado a essa matéria do fazer ou não uma "zona íntima" é a existência de quartos, ou pelo menos um quarto, fora da zona de quartos e com características de certa autonomia em relação à entrada do fogo.

Se existir um quarto "autonomizado" deste tipo, e que deve ser funcional e ambientalmente versátil, aceita-se melhor a "zona íntima", mas ela será sempre discutível em habitações com um ou dois quartos, pois aqui ela produz uma excessiva hierarquização e compartimentação do interior doméstico, tornando-o rígido, pouco adaptável e excessivamente marcado por separações.

Mas tudo isto terá outra leitura com espaços domésticos amplos, os quais são eles próprios factores de descompressão e adaptabilidade; ou, no mínimo, com espaços domésticos dimensionalmente versáteis e adaptáveis.

## **Habitação sem zona íntima**

Naturalmente que uma situação oposta de total abertura dos quartos, directamente, sobre as zonas mais sociais da habitação, apenas será adequada quando objectivamente desejada pelos habitantes e/ou ligada a tradições habitacionais específicas.

Estas tradições de franca relação entre espaços encontram na cabana rústica uma base directa, pois nesta as alcovas (camas/quartos) dispunham-se, frequentemente, em torno de um espaço mais "social", também, frequentemente, marcado por uma

mesa central de refeições e reunião - as disposições tradicionais de quartos em torno de uma zona de jantar/estar por onde também se faz o principal acesso à casa encontrarão, provavelmente, nessa solução a sua base original e estruturadora; mas cuidado com as más soluções deste tipo (deprivatizadas e claramente conviviais) realizadas com “pouca Arquitetura”, pois estamos aqui a abordar ideias muito mais difíceis de concretizar com qualidade, do que a simples hierarquização de privacidades através das já famosas “zonas íntimas”.

Optar, hoje em dia, por este tipo de cuidada "desprivatização" ou "des-hierarquização" dos quartos na habitação poderá ser uma opção dos habitantes, interessante, sem dúvida, mas que terá de ser cuidadosamente tratada, tendo evidentes vantagens em termos de ausência de espaços "apenas" de circulação, e que depende de a relação dos quartos se fazer com uma zona usada com reduzida intensidade e, mais especificamente, segundo um dado horário, como acontece com as zonas de refeições.

*Nota final: nas próximas semanas abordaremos outras matérias associadas aos quartos domésticos.*

### **Nota importante sobre a imagem que ilustra o artigo:**

*A imagem que acompanha este artigo foi recolhida pelo autor do artigo na visita que realizou à exposição habitacional "Bo01 City of Tomorrow", que teve lugar em Malmö em 2001.*

*Aproveita-se para lembrar o grande interesse desta exposição e para registar que a Bo01 foi organizada pelo “organismo de exposições habitacionais sueco” (Svensk Bostadsmässa), que integra o Conselho Nacional de Planeamento e Construção Habitacional (SABO), a Associação Sueca das Companhias Municipais de Habitação, a Associação Sueca das Autoridades Locais e quinze municípios suecos; salienta-se ainda que a Bo01 teve apoio financeiro da Comissão Europeia, designadamente, no que se refere ao desenvolvimento de soluções urbanas sustentáveis no campo da eficácia energética, bem como apoios técnicos por parte da Administração Nacional Sueca da Energia e do Instituto de Ciência e Tecnologia de Lund.*

*A Bo01 foi o primeiro desenvolvimento/fase do novo bairro de Malmö, designado como Västra Hamnen (O Porto Oeste) uma das principais áreas urbanas de desenvolvimento da cidade no futuro.*

*Mais se refere que, sempre que seja possível, as imagens recolhidas pelo autor do artigo na Bo01 serão referidas aos respetivos projetistas dos edifícios visitados; no entanto, o elevado número de imagens de interiores domésticos então recolhidas dificulta a identificação dos respetivos projetistas de Arquitetura, não havendo informação adequada sobre os respetivos designers de equipamento (mobiliário) e eventuais projetistas de arquitetura de interiores; situação pela qual se apresentam as devidas desculpas aos respetivos projetistas e designers, tendo-se em conta, quer as frequentes ausências de referências - que serão, infelizmente, regra em relação aos referidos designers -, quer os eventuais lapsos ou ausência de referências aos respetivos projetistas de arquitetura.*

**O presente artigo corresponde a uma edição ampliada, modificada e revista do artigo que foi editado na Infohabitar, em 01/05/2016, com o n.º 580 e integrado no ciclo editorial associado aos anos em que o autor esteve ausente do LNEC para ser professor na UBI.**

## **Referências editoriais:**

*1.ª Edição: Infohabitar, Ano XVI, n.º 754, terça-feira, novembro 10, 2020*

*Link para a 1.ª edição: <http://infohabitar.blogspot.com/2020/11/sobre-o-espaco-domestico-do-quarto-uma.html>*

***Etiquetas/palavras chave: habitação, quarto, espaços da casa, espaços da habitação, funções da habitação, microfunções domésticas, mundos domésticos, modos de habitar, novos espaços habitacionais, novas formas de habitar***

*Nota editorial da Infohabitar:*

*Embora a edição dos artigos na Infohabitar seja ponderada, caso a caso, pelo corpo editorial, no sentido de se tentar assegurar uma linha de edição marcada por um significativo nível técnico e científico, as opiniões expressas nos artigos e comentários apenas traduzem o pensamento e as posições individuais dos respectivos autores desses artigos e comentários, sendo portanto da exclusiva responsabilidade dos mesmos autores.*

# **Infohabitar**

***Editor: António Baptista Coelho, Investigador Principal do LNEC***

***[abc.infohabitar@gmail.com](mailto:abc.infohabitar@gmail.com), [abc@lneec.pt](mailto:abc@lneec.pt)***

***A Infohabitar é uma Revista do GHabitar - Associação Portuguesa para a Promoção da Qualidade Habitacional – Associação atualmente com sede na Federação Nacional de Cooperativas de Habitação Económica (FENACHE) e anteriormente com sede no Núcleo de Arquitectura e Urbanismo do LNEC.***

***Apoio à Edição: José Baptista Coelho - Lisboa, Encarnação - Olivais Norte.***

